

*Para uma mãe, a vida traz uma série de escolhas difíceis:
proteger, dar liberdade, esquecer, perdoar... Que caminho você seguiria?*

O caminho para casa

KRISTIN
HANNAH

Mais de 8 milhões de livros vendidos no mundo



Durante 18 anos, Jude pôs as necessidades dos filhos em primeiro lugar, e o resultado disso é que seus gêmeos, Mia e Zach, são adolescentes felizes. Quando Lexi começa a estudar no mesmo colégio que eles, ninguém em Pine Island é mais receptivo que Jude. Lexi, uma menina com um passado de sofrimento, criada em lares adotivos temporários, rapidamente se torna a melhor amiga de Mia. E, quando Zach se apaixona por ela, os três se tornam companheiros inseparáveis.

Jude sempre fez o possível para que os filhos não se metessem em encrenca, mas o último ano do ensino médio, com suas festas e descobertas, é uma verdadeira provação.

Toda vez que Mia e Zach saem de casa, ela não consegue deixar de se preocupar.

Em uma noite de verão, seus piores pesadelos se concretizam.

Então a vida dá uma guinada, levando os personagens a viver sentimentos intensos – amor e ódio, culpa e perdão – que qualquer um de nós poderia experimentar. Uma decisão muda seus destinos, e cada um deles terá que enfrentar as consequências – e encontrar um jeito de esquecer ou a coragem para perdoar.

Dedicatória



Eu não posso negar que tenha sido uma mãe superprotetora e participativa. Fui a todas as reuniões escolares, festas e excursões até meu filho me implorar, por favor, por favor, para que eu ficasse em casa. Agora que ele cresceu e terminou a faculdade, posso olhar para trás e ver aqueles anos do seu ensino médio com a sabedoria que a distância traz. O último foi sem dúvida um dos anos mais desgastantes da minha vida e também um dos mais gratificantes. Quando penso naquela época — e essas lembranças foram a inspiração para este livro —, recordo muitos altos e baixos. Acima de tudo, penso em como tive sorte por morar em uma comunidade unida e atenciosa, em que um ajudava o outro. Então, este livro é para meu filho, Tucker, e para todos os jovens que passaram pela nossa casa, iluminando-a com suas risadas: Ryan, Kris, Erik, Gabe, Andy, Marci, Whitney, Willie, Lauren, Angela e Anna, para citar alguns. E também para as outras mães: eu sinceramente não sei como teria sobrevivido sem vocês. Obrigada por estarem sempre presentes e por saberem quando estender a mão, oferecer uma margarita ou me dizer uma verdade dura. Para Julie, Andy, Jill, Megan, Ann e Barbara. Por fim, mas certamente não menos importante, agradeço ao meu marido, Ben, que sempre esteve ao meu lado, mostrando-me de mil maneiras que

4

*na criação do nosso filho, assim como em tudo, éramos uma equipe.
Obrigada a todos.*

Prólogo



2010

Ela está de pé na curva fechada da Estrada da Noite.

Aqui a floresta é escura, mesmo ao meio-dia, com o sol a pino. Coníferas antigas e imponentes se estendem ao longo de ambas as margens da estrada, muito próximas umas às outras, e seus troncos cobertos de musgo se erguem retos como lanças até o céu de verão, bloqueando todo o sol. Paralelamente à faixa do asfalto desgastado, as sombras terminam na altura dos joelhos. O ar está parado e silencioso, como se a natureza prendesse a respiração. Expectativa.

Esta estrada já foi simplesmente o caminho para casa. Antes, ela a escolhia com facilidade, seguindo por sua superfície esburacada sem pensar duas vezes, raramente — ou nunca — notando o declive que havia em cada lado. Naquele tempo, sua mente se ocupava com outras coisas, com as minúcias da vida cotidiana. Afazeres domésticos. Compras e incumbências externas. Horários.

É claro que ela não entrava nesta estrada havia anos. A mera visão da placa sinalizadora, de um verde desbotado, era suficiente para fazê-la virar bruscamente o volante. Melhor evitar aquela estrada. Ao menos era assim que ela pensava... até hoje.

As pessoas da ilha ainda comentam o que aconteceu naquele verão de 2004. Elas se sentam em bancos de bares ou em redes na

varanda e dão suas opiniões, dizem meias-verdades e fazem juízos que não lhes cabe fazer. Mas os fatos são o que menos importa.

Se alguém a vir aqui, de pé nesta estrada solitária, em meio às sombras, tudo virá de novo à tona. Eles se lembrarão daquela noite, há tanto tempo, quando a chuva se transformou em cinzas...

Parte Um



Da nossa vida, em meio à jornada,
Achei-me numa selva tenebrosa,
Tendo perdido a verdadeira estrada.

— Dante Alighieri, *A DIVINA COMÉDIA*, “Inferno”

Um



2000

Lexi Baill estudou um mapa do estado de Washington até que as minúsculas marcações geográficas vermelhas oscilassem diante de seus olhos cansados. Os nomes dos lugares tinham um quê de magia e sugeriam uma paisagem que ela mal podia imaginar: montanhas cobertas de neve e divisadas pela água, árvores altas e retas como campanários de igrejas, um céu azul límpido e sem fim. Visualizou águias pousadas em postes telefônicos e estrelas que pareciam tão próximas que daria para alcançá-las. Era provável que houvesse ursos vagando à noite pelas regiões ermas, à procura dos locais que até pouco tempo atrás tinham sido seu território.

Aquele seria seu novo lar.

Queria pensar que teria uma vida diferente ali. Mas como poderia acreditar nisso de verdade?

Tinha 14 anos e podia não saber muito, mas de uma coisa ela tinha certeza: as crianças do Cadastro Nacional de Adoção eram retornáveis, como garrafas de refrigerante usadas.

No dia anterior, sua assistente social a acordara cedo para avisá-la de que deveria fazer a mala. Mais uma vez.

— Tenho uma boa notícia — dissera a Sra. Watters.

Mesmo semiacordada, Lexi sabia o que isso significava.

— Outra família... Ótimo. Obrigada, Sra. Watters.

— Não é apenas uma família. É a sua família.

— Está certo, claro. A minha nova família. Vai ser ótimo.

A Sra. Watters emitiu aquele som de desilusão, quando soltava suavemente a respiração, quase como um suspiro.

— Você tem sido forte, Lexi. Durante todo esse tempo...

Lexi tentou sorrir.

— Não se sinta mal, Sra. W. Eu sei como é difícil encontrar casas para crianças mais velhas. E a família Rexler foi muito legal. Se a minha mãe não tivesse voltado, acho que teria dado certo.

— Você sabe que nada daquilo foi culpa sua.

— Sei, sim — confirmou Lexi.

Nos dias bons, ela se deixava convencer de que as pessoas que a devolviam tinham os próprios problemas a resolver. Nos dias ruins, que ultimamente eram mais frequentes, perguntava-se o que havia de errado com ela, por que era alguém tão fácil de descartar.

— Você tem parentes, Lexi. Localizei a sua tia-avó. O nome dela é Eva Lange. Tem 66 anos e mora em Port George, em Washington.

Lexi se sentou, alerta.

— O quê? Minha mãe disse que eu não tinha parentes.

— Sua mãe... se enganou. Você tem família, sim.

Lexi passara a vida esperando ouvir essas palavras preciosas. Seu mundo sempre fora perigoso e incerto. Ela se sentia como um navio que, perdido em águas rasas, estivesse prestes a encalhar. Fora quase sempre uma menina sozinha, e assim crescera, cercada por estranhos, lutando por restos de comida e atenção, sem nunca receber o suficiente de nenhum dos dois — a criança selvagem dos tempos modernos. Apagara da memória a maioria dessas experiências, mas, quando tentava resgatá-las — quando um dos

psicólogos da rede pública de saúde a obrigava a fazer isso —, ela se lembrava de estar com fome, molhada, e de tentar alcançar uma mãe bêbada demais para ouvi-la ou drogada demais para se importar com o que quer que fosse. Lembrava-se de passar dias em um cercadinho sujo, chorando e esperando que alguém se desse conta de sua existência.

Agora ela olhava pela janela suja do ônibus interestadual enquanto sua assistente social, que estava sentada a seu lado, lia um romance.

Depois de mais de vinte e seis horas na estrada, finalmente seu destino estava próximo. Lá fora, um céu cinza-escuro e carregado parecia engolir o topo das árvores. A chuva fazia rabiscos na janela, turvando a paisagem. Washington era como outro planeta: nada das colinas do sul da Califórnia, que tinham cor de casca de pão e eram banhadas pelo sol, nem do quadriculado cinzento das autoestradas engarrafadas. As árvores eram imensas — como se tivessem tomado esteroides — e as montanhas, também. Tudo parecia colossal e selvagem.

O ônibus entrou em um terminal de concreto de teto baixo e freou, chiando e sacudindo. Uma nuvem de fumaça preta passou pela janela e escureceu a plataforma por um instante, para em seguida ser carregada pela chuva. As portas do ônibus se abriram deslizando e sibilando.

— Lexi?

Quando ouviu a voz da Sra. Watters, ela pensou *Ande, Lexi*, mas não conseguiu sair do lugar. Olhou para a mulher que fora a única presença constante em sua vida nos últimos seis anos. Todas as vezes em que uma família adotiva temporária desistira dela e a devolvera, como se ela fosse um produto com defeito, a Sra. Watters

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

